

SIMPÓSIO AT157

DE UMA VIDA SEM SOM A UM GRITO ESCRITO DE LIBERTAÇÃO: SOU SURDO E DAÍ?

Prof.^a Dra. Ruth Maria Rodrigues GARÉ
(Docente extensionista da PUC-Campinas)
proruthgare@yahoo.com.br

RESUMO: Este artigo quer problematizar algumas vozes que são caladas e abafadas no contexto escolar, sob a égide das políticas públicas de inclusão do aluno surdo em sala de aula, as quais funcionam como instrumento de governamento e exclusão linguística, por tratar de forma inexpressiva todas as questões que envolvem o letramento de alunos surdos nas escolas públicas, em especial, no nosso país. A metodologia utilizada foi a entrevista semiestruturada com mães de alunos surdos num município do Estado de São Paulo, as vozes de uma dessas mães e de um desses sujeitos são trazidos à tona para comparação, uma vez que este foi acompanhado no ano 2012, é possível perceber num recorte de sua escrita publicada numa rede social neste ano de 2018, seus modos de percepção enquanto sujeito surdo e a constituição de sua identidade a partir do atendimento bilíngue num dado momento na escola, do contato com a Língua de Sinais e com a comunidade surda. O arcabouço teórico a partir de alguns textos de Michel Foucault, Stuart Hall e Tomaz Tadeu Silva, entre outros, sustentam esta discussão. Os resultados ainda parciais mostram como o não domínio da escrita da Língua Portuguesa pelo surdo, não o desqualifica no mundo ouvinte e pode sim, ser tomada como um grito de pessoas (in)fames que carecem de melhores formas de letramento e avaliação no registro escrito em diferentes contextos.

Palavras-Chave: Libras; Educação Bilíngue; Identidade; Letramento.

ABSTRACT: This article wants to problematize some voices that are silenced and muted in the school context, under the aegis of the public policies of inclusion of the deaf student in the classroom, which function as an instrument of governance and linguistic exclusion, for treating all issues involving the literacy of deaf students in public schools, especially in our country in an inexpressive way. The methodology used was the semistructured interview with mothers of deaf students in a municipality in the State of São Paulo, the voices

of one of these mothers and one of these subjects are brought to the fore for comparison, once he was followed in 2012, it is possible to perceive in a cut of his writing published in a social network in this year of 2018, his modes of perception as deaf subject and the constitution of his identity from the bilingual attendance at a given moment in the school, from the contact with the Sign Language and with the deaf community. The theoretical framework based on some texts by Michel Foucault, Stuart Hall and Tomaz Tadeu Silva, among others, support this discussion. The partial results show how the non-mastery of the writing of the Portuguese language by the deaf do not disqualify him in the listener world and can be taken as a cry of (in)famous people who lack better forms of literacy and evaluation in the written record in different contexts.

Keywords: Libras; Bilingual Education; Identity; Literature.

Introdução

O sujeito (in)fame aqui apresentado foi chamado em minha pesquisa de doutoramento de Flor. Na verdade, a tese que trata da construção de identidades surdas a partir da observação, análise e reflexão sobre os modos como as práticas discursivas constroem a identidade de alunos surdos na escola pública, trouxe a voz de mães e alunos surdos, para nos referirmos à esses protagonistas, nomes de flores foram utilizados, construiu-se assim a um jardim. Mães e filhos, flores de um jardim metafórico na tese mencionada, nos descortinam por meio de suas falas, suas dores, desejos, angústias e esperanças e, assim, como as flores nos encantam, essas vozes desconhecidas que se realizam oralmente, no caso das mães ou por uma língua de sinais, no caso dos surdos, chamam a nossa atenção para a complexidade das nossas formas de comunicação e nos fazem refletir sobre as práticas discursivas e pedagógicas adotadas na escola inclusiva brasileira.

A escola em que Flor estudou até 2012, assim como muitas escolas inclusivas, foi organizada para atender alunos ouvintes, com professores ouvintes, não foi preparada para lidar com as singularidades de pessoas com diferença linguística, assim, continua a perpetuar estigmas que parecem não importar. Desta forma, pela exigência de um domínio da escrita no padrão culto da língua oral pelos surdos na fase escolar, continua a produzir a marca do fracasso linguístico de uma língua oral em seu registo escrito, quando na

verdade, esse domínio precisa ser pensado no âmbito do ensino bilíngue da língua oral e da Língua de Sinais.

Por isso, esse artigo vem problematizar a competência na produção de enunciados registrados graficamente, a escrita, pois esta pode marcar um corpo por explicitar sua competência ou não ao interagir por meio da escrita do português. Também pode marcá-lo por acentuar sua deficiência auditiva, e também discriminá-lo enquanto sujeito que não sabe e não pode fazer. Pois uma vez que sua produção não é legitimada dentro da instituição Escola, o surdo passa a ser visto como aquele que no inconsciente dos professores, não consegue seguir regras linguísticas e ser criativo.

A escrita que representa, a escrita que expressa, a escrita registra, que direciona, que grita, produz poesia, desabafo, ciência; está em todo lugar, com mensagens diretas, subliminares ou metafóricas. A escrita em suportes diversos, das redes sociais, que povoa o mundo globalizado. Um mundo ouvinte é povoado pela escrita da língua oral e difícil de ser compreendida sem uma educação que se preocupe com isso. Afinal o que é dominar a língua culta no registro escrito? Podemos estabelecer alguns critérios que não desqualifiquem a escrita de sujeitos surdos no percurso escolar? Como preparar os professores para essa metodologia. Debruçar-nos sobre as falas aqui apresentadas podem nos dar pista de como nos desnudar dos preconceitos linguísticos no registro escrito de surdos? É o que queremos discutir neste trabalho.

1. A escrita: no papel a marca de um corpo que fala.

Conforme (FERREIRO, 1996), a criança passa por alguns estágios, cujo esforço de representar a fala, e a escrita, ou seja, a escrita é um processo dinâmico que vai se construindo a partir da interação com o meio social, no qual a criança está inserida. A escrita para a criança só pode fazer sentido se esta se apresenta dentro de um conjunto de relações significantes a partir dos conceitos que a criança formula sobre a importância da escrita na sua vida.

A escrita é fruto das interações sociais, leituras e experiências escolares, que pode resultar em um processo criativo, a escrita. A subjetividade se

materializa por meio de uma escrita que constitui o próprio sujeito. Essa escrita só pode acontecer de forma criativa se esse sujeito tiver acesso aos bens culturais produzidos pela sociedade, segundo BALEM, 2002, p.8) “(...) ser analfabeto, na sociedade letrada, indica a ausência, no nível individual, de uma competência presente e valorizada nessa mesma sociedade. Portanto, iletrismo significa não familiaridade com o mundo da escrita.”

Para os surdos ser iletrado é mais do que isso, pois na escola lhe é imputado o estigma do fracasso e expressões como: *que pena ele não aprende porque é surdo*. Outrossim, tais adjetivações passeiam pelas metanarrativas dos professores que desconhecem a capacidade do surdo de aprender o português, desde que tenha o ensino adequado, ou seja, bilingue a partir da sua língua de acesso, a Libras.

Tomando o texto escrito do surdo também como processo dialógico bilateral que pressupõe um enunciador e leitor, o escritor que deseja verbalizar em Língua Portuguesa precisa mobilizar aspectos linguísticos e semânticos, (SAUTTCHUK, 2003, p. 57) que são construídos com uma determinada intenção, entretanto, se o autor não domina os elementos coesivos da produção textual, bem como outros elementos como figuras de linguagem e construção, por exemplo, encontra muita dificuldade em produzir um texto. Conforme (CORACINI, 2010, p.39) “(...) Mas, a escola insiste em ensinar a argumentar, a controlar os efeitos de sentido do que se escreve, a fazer da escrita a obediência a regras, a convenções, a modelos.” Se essa falha pudesse ser aceita do ponto de vista do domínio de uma língua dois (L2), como acontece com o texto de um estrangeiro quando imerso em outro idioma, o desconforto experimentado pelos alunos surdos na escola seria minimizado, ainda que essa comparação não seja tão feliz, porque o aprendizado de uma língua oral percorre outras estratégias cognitivas.

A diferença, no entanto, pode ser que ao estrangeiro o seu não domínio textual não o adjective de analfabeto ou iletrado, pois a priori, ele domina um outro idioma que é sua língua um (L1), mas ao surdo, a adjectivação é de incapacidade. Contudo, sabemos que tal preconceito é fruto do despreparo de

professores e da falta de ações que os ajudem a entenderem essa materialidade discursiva que se expressa pelo texto, levando em conta sua essência e não forma, caberia neste caso um trabalho de legitimação destas formas de português surdo, no processo de leitura e compreensão destes. O que levará o surdo a apresentar alterações linguísticos-comunicativas é o modo pelo qual ele é visto em seu grupo social (VYGOTSKY, 1993 apud GÓES, 2002) e das interações com seus interlocutores pela Língua de Sinais.

2. A flor em botão e a flor que desabrochou.

O sujeito (in)fame a quem chamei de Flor, tinha apenas 11 anos em 2012, nascida no seio de família ouvinte, foi tratada pelos familiares e pelos professores na escola que frequentou desde as séries iniciais como ouvinte, ou melhor, deficiente auditiva, que se viu obrigada a tentar entender o que diziam e a tentar falar o que não sabia, pelo velho senso comum, de que é fácil para um surdo fazer leitura labial, sendo fácil também a compreensão do mundo ouvinte cheio de sons e escrita por todo o lado. Flor estava usando o aparelho de amplificação sonora só há dois anos, e pouco mais de um ano aprendia a falar.

Nosso primeiro encontro foi inesquecível e jogou por terra toda as estratégias e atividades que havia preparado, pois diante de mim estava alguém de personalidade forte e identidade ouvinte. Identidade, que segundo (HALL, 2013) precisa ser compreendida como sendo o desejo de ser aceito pelo outro, ou seja:

Na linguagem do senso comum, a identificação é construída a partir do reconhecimento de alguma origem comum, ou de características que são compartilhadas com outros grupos ou pessoas, ou ainda a partir de um mesmo ideal. (HALL, 2013, p.106)

Essa era Flor, que no nosso primeiro dia de aula no contraturno das aulas regulares, me disse uma coisa que me fez repensar a forma em como eu iria inserir a Língua de Sinais em sua vida: “eu falo! LÍNGUA DE SINAIS NÃO GOST@.” (GARÉ, 2016, p.136). Flor passou a ter essas aulas conforme estipulado pelo Ministério Público a pedido da mãe, que leva o codinome de

Amor-perfeito, que por não aceitar o fato de que sua filha não sabia ler e escrever e já estava na 5ª série e pela segunda vez, procurou formas de reverter essa situação por meio da ação judicial contra o município.

Já que estamos falando de (in)fames podemos acrescentar o olhar de (LARROSA, 2010) ao tratar de outras pedagogias que nos leva a concluir que a influência de ações terapêuticas voltadas somente ao estímulo da fala, também contribuíram para esse olhar de Flor. Desta forma, ao tratar sua fala precária e quase incompreensível como uma forma de se igualar aos ouvintes, Flor não associa sua deficiência auditiva, mas entende que a sua fala a torna como os ouvintes.

Voltando ao processo de construção da escrita, ainda que Flor balbuciasse algumas poucas palavras, a falta de uma língua de base, no caso a Libras, fazia com que encontrasse dificuldades em expressar seu pensamento, ainda que desejasse. Flor era assim um sujeito construído por discursos ouvintista, (FOUCAULT, 2011, p.98) nos ajuda a entender o que poderia se passar com ela, "(...) Existe alguém que guia minha vontade, que quer que minha vontade queira isso até o fim, mas querendo a cada instante aquilo que o outro quer que eu queira." Ou seja, Flor não queria Libras, porque a mãe não queria, a família não queria e o mundo que conhecia só tinha ouvintes.

Durante o ano foram necessárias muitas atividades que foram aos poucos mostrando para Flor que a Língua de Sinais podia ajudá-la a entender o mundo dos ouvintes pela leitura e escrita. Além disso, o trabalho com Flor também contribuiu para que os colegas, professora e a própria mãe de Flor a vissem como uma pessoa especial, mas especial no sentido de superação, pois ao final do ano, Flor já conseguia ler e escrever pequenos textos e, em relação aos conteúdos começou até mesmo a ajudar os amigos com dificuldades, em especial na Matemática.

Neste contexto o conceito de representação cunhado por (TOMÁZ TADEU, 2013, p.91), ajuda a compreender que identidade e diferença estão intimamente relacionadas, assim a representação sustentada pela família que

acentuava a diferença de Flor, sucumbiu diante de práticas pedagógicas que ajudaram Flor desenvolver capacidade crítica e questionamento de sistemas de construção de representações e identidades, mas que ainda viriam a aflorar no contato com seus pares, com o intérprete que passou a ter na escola para onde seguiu e onde a Língua de Sinais passou a ser sua maior e melhor ferramenta de interação e socialização.

Seis anos depois dessa intensa experiência com Flor, foi recompensador ler o seu post numa rede social, exatamente no mês de setembro de 2018, quando das manifestações em torno das reivindicações dos surdos no Brasil e no Mundo, (FLOR, 2018) “(...) Sabe eu gosto de todas pessoas, use seu consciência, então, eu sou Surdo e sou feliz de ser assim e sou CAPAZ também, é igual ouvinte. Pois eu tenho muita expressões, obrigado por tudo!! 🤖❤️.” O post talvez tenha sido compartilhado, mas o fato é que ele revela o deslocamento identitário de Flor, que passou a entender que sua surdez não é um limitador, e que ser surdo não a faz inferior a ninguém.

Ao se posicionar como surdo e feliz, Flor reforçou que segundo (GARÉ, 2016, p.186), “(...) que o surdo em escola regular ouvinte tende a construir identidades híbridas que mais se aproximam de identidades ouvintes, resultantes de estereótipos produzidos em relação à sua diferença.” Ao entrar em contato com a língua de sinais e os bens simbólicos que ela representa, Flor nas palavras de (PERLIM, 2013) passou a ter uma identidade flutuante, por viver em contexto ouvinte, mas interagir e acessar o mundo pela escrita que só foi alcançada por meio da Língua de Sinais Brasileira.

Considerações Finais

Por essa breve reflexão acerca do processo da aquisição da escrita e de sua importância para a construção de identidades de pessoas surdas, mostramos que com respeito ao letramento e alfabetização de surdos a língua de sinais estabelece a comunicação e interação; propicia o ensino da língua portuguesa; contribui para a acessar a leitura e escrita. De posse desses conhecimentos o sujeito (re)constrói seus modos de representação e passa a interagir com o mundo ouvinte pela escrita, de forma a também expor seus pensamentos e

sentimentos em relação a si. Assim, mesmo sob o poder político da língua dominante, o surdo pode nesse jogo discursivo, fazer a vontade do outro, sem deixar a sua própria vontade de lado (FOUCAULT, 2011), reverberando na sua escrita seus mais profundos sentimentos, como Flor conseguiu fazer ao final do ensino médio, uma escrita deficiente, mas eficiente. Uma voz que se fez ouvir.

Referências

BALEM, Nair Maria. Revisitando conceitos: alfabetismo/analfabetismo e respectivos neologismos. Revista de Ciências Humanas. V.3, n.3 – URI-FW: RS. 2002.

CORACINI, Maria José Rodrigues Faria. Escrit(ur) de si e alteridade no espaço papel-tela. Mercado de Letras: Campinas, 2010

FERREIRO, E. Reflexões sobre Alfabetização. 20 ed. Cortez: São Paulo, 2011

FOUCAULT, Michel Do Governo dos Vivos: Curso no Collège de France, 1979-1980 (excertos). 2 ed. São Paulo: Achiamé, 2011.

GARÉ, Ruth Maria Rodrigues. Educação formal x educação não formal: diferentes práticas de ensino e a construção de identidades surdas. Gregory: São Paulo, 2016.

GOES. Maria Cecília Rafael. Linguagem, Surdez e Educação. 3ª Ed. Campinas: Editora Autores Associados, 2002

HALL, Stuart. Quem precisa de Identidade? IN: SILVA, T.T (Org.) Hall, S. & Woodward. Identidade e diferença. 13 ed. Petrópolis. Vozes. 2013

LARROSA, Jorge. Como se chega a ser o que se é. In LARROSA, Jorge. Pedagogia Profana. Belo Horizonte. Autêntica. 5a. Ed. 2010

PERLIN, Gladis. Identidades Surdas. IN: SKLIAR, C. (Org.) A Surdez: um olhar sobre as diferenças. 6ª ed. Porto Alegre: Mediação, 2013.

SAUTCHUK, Inez. Produção dialógica do texto escrito. Martins Fontes: São Paulo, 2003.

SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.) Hall, S. & Woodward. Identidade e diferença. 13 ed. Petrópolis. Vozes. 2013.